VILA BOA DE GOIÁS EM TEMPOS DE DITADURA: EM BUSCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Paulo Brito do Prado
paulobritogo@yahoo.com.br
Mestrando-UFG-GO
Bolsista FAPEG-GO

Resumo: Embora a década de 1960 tenha sido caracterizada pela historiografia, como um período de revoluções sociais, em Goiás identificamos choques entre mudanças e permanências na cultura local, em função de a identidade cultural vilaboense caracterizada pela simplicidade de seu povo, pelo seu isolamento e pela sua formação tradicional contrastar com as mudanças políticas e sociais da época. As continuidades presentes na cultura local se confrontaram com as transformações após a fundação na cidade, da Rádio 13 de Maio, emissora de radiodifusão de propriedade da Igreja Católica. Criada com o intuito de difundir o conhecimento para regiões afastadas da cidade, a rádio permitiu durante a referida década, espaços em sua programação para que alguns jovens vilaboenses, orientados por Elina Maria (Diretora da rádio) e Frei Jacinto (pároco da diocese) se posicionassem contra os estilhaços do golpe de 1964 na cidade. Vigiados pela polícia local e, denunciados ao Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, todo o grupo se tornou alvo da então Doutrina de Segurança Nacional instalada no Brasil depois de 1964, justificando a prisão e a tortura, em junho de 1965, de alguns envolvidos nas manifestações subversivas. No objetivo de analisar o relacionamento entre os sexos masculino e feminino, em um contexto de rupturas políticas, no interior de uma sociedade tradicional, destacamos, por meio de reflexões no campo da história das relações de gênero a (re) significação da cultura local através do contraste entre o tradicional e o moderno em um período de mudanças.

Palavras-chave:
Goiás, Ditadura e Gênero

Abstract: Although the 1960 has been characterized by historiography, as a period of social revolutions in Goiás identified clashes between changes and continuities in the local culture, due to the cultural identity vilaboense characterized by the simplicity of its people, by its isolation and by training traditional contrast with the political and social changes of the era. The continuities present in the local culture clashed with the transformation after founding the city of Radio May 13, broadcasting station

owned by the Catholic Church. Created with the aim of spreading the knowledge to remote areas of the city, radio allowed during that decade spaces in your schedule for some young vilaboenses, directed by Maria Elina (Director of radio) and Frei Jacinto (parish priest of the diocese) is position themselves against the splinters of the 1964 coup in the city. Guarded by the local police, and reported to the Department of Political and Social - DOPS, the whole group became the target then National Security Doctrine installed in Brazil after 1964, justifying the arrest and torture, in June 1965 , some involved in the demonstrations subversive. In order to analyze the relationship between male and female, in a context of political ruptures within a traditional society, highlight, through reflections on the field of the history of gender relations (re) signification of culture through the contrast between "traditional" and "modern" in a period of change.
Key Words: Goiás, Dictatorship, Gender

Tempos de ditadura

Em 07 de junho de 1965, em uma segunda feira, o jornal *Cinco de Março* de circulação regional, trouxe em sua manchete o seguinte título: *"Nomes dos estudantes presos na antiga capital do Estado"* [1]. A matéria escrita pelo editor e proprietário do jornal, o senhor Batista Custódio, expunha alguns argumentos sobre a "crise" instalada na cidade de Goiás desde o afastamento do senhor Orley Gavião Gonzaga de Castro do cargo de diretor do Colégio Estadual de Goiás, antigo Lyceu de Goyaz, e criticava a "truculência" e violência policial percebidas durante a prisão dos envolvidos nas manifestações em defesa do regresso de Orley Gavião à antiga função administrativa. A matéria ilustrou o caso de Goiás da seguinte forma:

> "A crise político-administrativa que se desenrolava na tradicional cidade de Goiaz, antiga capital do estado (ilegível) [...] com o fechamento da Rádio "13 de Maio" pertencente ao clero, a prisão do Diretor do Liceu, juiz Orley Gavião Gonzaga de Castro, juntamente com diversos estudantes e ainda do pároco Frei Jacinto Maria Ferreira Alves. Notícias (ilegível) [...] tarde de ontem deram conta de que a situação continua tensa na antiga capital. Ao mesmo tempo, acumulam-se os protestos contra a violência da ação policial contra a pacata população de Vila Boa. A cidade permanece sob policiamento ostensivo, e das 13 pessoas presas pela DOPS apenas dois

[1] Jornal Cinco de Março de 07 de junho de 1965. Acervo particular de Elder Camargo de Passos.

> estudantes permanecem em Goiás, sendo que as demais foram encaminhadas ao 10. º BC, em Goiânia. Estudantes Presos. Em absoluto furo de reportagem, o CINCO DE MARÇO publica abaixo relação das pessoas detidas pela DOPS na cidade de Goiás sob diversas acusações, dentre as quais a de "subverter a ordem pública". São elas: Elder Camargo (estudante, radialista); Humberto Andrade (estudante, radialista); Hélio Rocha Lima (estudante, comerciário); João Costa (estudante, comerciário); Olney Bastos (estudante, contador); Lafaiete Pires (estudante, industriário); Arnaldo Garcia (estudante, representante da CGE); Marcos Rocha Lima (estudante) Elina Maria da Silva (Diretora da Rádio "13 de Maio"); Orley Gavião Gonzaga de Castro (Diretor do Liceu) e Frei Jacinto Ferreira Rosa (pároco da cidade, dominicano). Outros dois estudantes, Aier Teles Ferreira e Eudes Pacheco Santana, não foram, como os demais, transferidos para Goiânia, permanecendo presos em Goiás."[2]

Os acontecimentos descortinados na cidade de Goiás em 1965, mesmo parecendo um pouco distantes dos manifestos nacionais de resistência contra as práticas adotadas e decisões tomadas pelos militares após o golpe de 1964 (Cf. Toledo, 2004), eram nos testemunhos de Eudes Pacheco[3], reflexos de deliberações políticas firmadas entre o governo brasileiro e os Estados Unidos da América [4], que foram corporificados[5], por exemplo, no *"acordo MEC e USAID que eu digo sem medo de ofender ninguém... que porcarizou o ensino no Brasil"* [6]. Eudes Pacheco reverberou ainda, em seu testemunho, dizendo que *"essa primeira greve que houve em Goiás [...] [foi a] primeira greve pós-revolução de 64 ocorrida no país declaradamente contra a constituição da revolução de 64"* [7].

Os confrontos envolvendo estudantes, Igreja e Estado, e que se seguiram aos acontecimentos de 1965, comprovaram o caráter político da greve e de muitas outras manifestações estudantis em Goiás. Pouco mais adiante, durante o governo

[2] Jornal Cinco de Março de 07 de junho de 1965. Acervo particular de Elder Camargo de Passos.
[3] Os testemunhos de Eudes Pacheco de Santana integram nossa pesquisa.
[4] Cf. CUNHA, Luiz Antônio e GOÉS, Moacyr de. O golpe na educação. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Neste livro os autores demonstram de que forma a ditadura militar interferiu no ensino presentificando seus interesses no interior da sala por meio dos acordos MEC-USAID que "cobriram todo o espectro da educação nacional, isto é, o ensino primário, médio e superior" (1985, p. 33), transformando a educação brasileira em um "grande negócio" e encerrando a "fase dos movimentos de educação e cultura popular, dos quais outras formas surgiram no final dos anos 60 e seguem vigorosas até hoje, como por exemplo as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base)." (1985, p. 34).
[5] Não menos importante é o testemunhou de Tarzan de Castro para o livro: *A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a história.* Tarzan de Castro também denuncia em seu testemunho as relações entre a ditadura militar brasileira e o órgão de inteligência e espionagem Norte Americano (FBI), conforme relatado pelo depoente:

(2008, p. 150). Os relatos de Eudes Pacheco e Tarzan de Castro são importantes indícios que ajudam a corroborar as proposições feitas pelos historiadores que compõem os volumes três e quatro da coleção: *O Brasil republicano,* obra na qual é denunciado em artigos diversos à aproximação entre o governo brasileiro e o governo norte americano, tanto na eminência do golpe em 1964 quanto Durante o regime ditatorial.
[6] Entrevista realizada com Eudes Pacheco Santana.
[7] Ibid.

do Marechal Emilio Ribas, as manifestações acabaram se cruzando à nova ordem política brasileira, corroborando o testemunho de Marcos Rocha Lima, que por sua vez, afirmou ser a causa do conflito, não uma greve, mas em razão de ser *"um período que nós estava vivendo, nós tava vivendo o período de um AI-5 e agente extrapolou na época e eles acharam que devia prender, que devia fazer o que eles quisessem e ai eles fizeram"* [8]. Desta forma, presumimos que, tanto em Goiás quanto em outros lugares espalhados pelo país afora, qualquer movimentação de cunho político que viesse "pipocar" no cenário social, tornava-se alvo de atenção para os governos federal e estadual [9] que interessados em camuflar qualquer contestação aos procedimentos políticos da época utilizavam-se de justificativas diretamente relacionadas à *Doutrina de Segurança Nacional* (Cf. Borges, 2009), que autorizava o enviou de policiais disfarçados para lugares diversos do território brasileiro, como observado na cidade de Goiás, a fim de espionar os eventuais acontecimentos, identificar possíveis subversores da ordem política, os comunistas, prende-los e torturá-los, conforme relatado por Eudes Pacheco:

> "Então depois disso instaurou-se aqui em Goiás aquele processo que ta relatado no livro e que começaram a infiltrar agentes aqui, a identificar as situações da gente e até que ocorreu um [...] uma [...] vamos dizer assim uma blitz aqui, e [...] foram levando, levaram vários companheiros nossos, um dia até [...] levaram vários companheiros [...]" [10].

O livro ao qual o depoente faz alusão na entrevista denomina-se: *A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a história (2008)*, coordenado por Antônio Pinheiro Salles e publicado graças ao apoio da *Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás*. O trabalho tem uma abordagem jornalística do período de ditadura em Goiás, e traz entre muitas entrevistas a contribuição testemunhal de Eudes Pacheco. Embora se resuma em obra memorialista, o livro é uma das poucas obras publicadas e que faz referência à crise

[8] Entrevista realizada com Marcos Rocha Lima.
[9] É importante lembrar que diferente de muitos estados brasileiros em Goiás a intervenção militar só foi efetivada em meados de 1965, pelo fato de o governador Mauro Borges ser um partidário do regime militar. Conforme demonstrado por Dalva Borges Souza (2009) o governo Mauro Borges só foi alvo dos Inquéritos Policiais Militares (IPMs) após golpe (bem sucedido) dos opositores do governo, promovendo desta forma o retorno da União Democrática Nacional à liderança política do estado. Vale destacar que a UDN era um partido conservador liderado por grandes latifundiários e integrantes de antigas oligarquias, que em Goiás representou-se na retomada do poder político pela família Caiado. (Cf. Ribeiro, 1998).
[10] Entrevista realizada com Eudes Pacheco Santana.

política da cidade de Goiás em meados de 1965 [11], por esta razão o utilizamos como fonte histórica.

O "caso de Goiás" teve início após afastamento de Orley Gavião Gonzaga de Castro do cargo de diretor do Colégio Estadual de Goiás. Em função de seu bom desempenho à frente da direção da instituição de ensino, alguns jovens apoiados por seus pais, pela Igreja Católica e pela Rádio 13 de Maio, representados por Frei Jacinto e por Elina Maria da Silva respectivamente, deram início a uma série de manifestos que desagradaram a liderança municipal da cidade, representada por Brasilio Ramos Caiado, provocando desta forma as prisões seguidas pela tortura de alguns prisioneiros. Conforme ilustrou matéria de jornal em 17 de maio de 1965, os distúrbios em Goiás foram provocados por divergências políticas entre Orley Gavião e Brasílio e pelas críticas realizadas nas programações da rádio por Elina:

> "Alunos do Liceu da Antiga Capital esclarecem: "Diretor foi afastado porque puniu o parente do Prefeito". Os alunos do tradicional Colégio Estadual de Goiás, conhecedores da admirável linha de independência política que sempre norteou o jornal CINCO DE MARÇO, vem solicitar deste bravo semanário a publicação de nossa campanha de desvinculamento da Educação com a política partidária que ora se verifica em nossa cidade. Relacionamos abaixo os gravíssimos eventos que se sucederam por ocasião do afastamento do Sr. Orley Gavião Gonzaga de Castro da Direção do Liceu de Goias: 1 - O Sr. Dr. Orley Gavião Gonzaga de Castro, Meritíssimo Juiz de Direito da Cidade de Goiás, também diretor de nosso Colégio Estadual, vem-se conduzindo diante da direção deste estabelecimento como nenhum outro o havia feito até hoje: com uma dignidade e honradez exemplares. 2 – As suas medidas justas e punitivas, no entanto, atingiram funcionários ligados à administração do prefeito Brasílio Ramos Caiado, descontentando-o profundamente. A questão agravou-se ainda mais quando o Diretor, no desempenho de suas funções de Juiz de Direito da Comarca, determinou a prisão preventiva do Sr. Jorge Caiado de Alencastro, que há dias passados praticou tentativa de homicídio contra a pessoa do Sr. José de tal, verificada nesta cidade. 3 – O autor da tentativa de assassinato, Sr. Jorge Caiado de Alencastro é da cúpula partidária e parente do prefeito, além de ser cunhado do atual superintendente da OSEGO. Tal decisão ofendeu pessoalmente o prefeito,

[11] O livro apresentava problemas metodológicos, problemas que talvez tenham sido desconsiderados por se tratar de obra especulativa, interessada em publicar relatos de militantes, perseguidos políticos e pessoas que passaram pela experiência da tortura. Nosso objetivo não é invalidar a iniciativa, todavia gostaríamos de compartilhar as dificuldades plantadas pelo trabalho do organizador do referido livro e que antecedeu nosso trabalho. Enquanto reuníamos documentos nos quais alicerçaríamos nossa investigação percebemos a importância do testemunho de Eudes Pacheco Sant'Anna, mas em um primeiro contato lidamos com a resistência do depoente em contribuir com nossa investigação em função de temer acontecer conosco o mesmo que havia acontecido na publicação do livro de memórias. Eudes temia que manipulássemos seu testemunho, falsificando informações, reescrevendo o relato, tornando-o assim tendencioso e rompendo com seu conteúdo verossímil. Se fez necessário manter um diálogo aberto com o depoente, fato este sugerido pelos teóricos da história oral (Verena Alberti e Alessandro Porteli) que felizmente compreendeu se tratar a pesquisa de algo sério, o que fez dele importante parceiro no processo de problematização dos silêncios que rondavam esse episódio da história presente de Goiás.

> que, em revide, prometeu destituir o Sr. Orley Gonzaga de Castro da direção do C.E.G." [12]

Consoante às exposições presentes no documento, a mobilização popular responsável por conduzir Goiás nos caminhos do enquadramento, por parte do Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações de Informações (CODI-DOI) (Cf. FICO, 2004), como um foco de subversão e "comunização", justificando as intervenções policiais, a instalação de Inquéritos Policiais Militares (IPMs), as prisões e torturas, assemelharam-se aos acontecimentos em várias cidades do interior de estado [13] que "devido ao movimento camponês, e outros, apenas resultado de disputas entre facções locais" (SOUZA, 2009, p. 108), fizeram sentir os estilhaços do autoritarismo em desenvolvimento na política brasileira (Cf. FICO, 2009).

Orley Gavião ocupava, na ocasião das manifestações, duas funções públicas, ele era juiz substituto da comarca de Goiás e diretor do Colégio Estadual de Goiás. Em cumprimento de suas obrigações funcionais (no caso, o cargo ocupado no judiciário) condenou à prisão um partidário da União Democrática Nacional (UDN) e parente do prefeito de Goiás, Brasílio Ramos Caiado, à prisão, isto em julgado o crime de tentativa de homicídio contra um morador da cidade. Embora o jornal não dê maiores detalhes, os testemunhos orais e escritos revelaram ser Orley Gavião também um parente do prefeito, todavia em razão de desavenças políticas, este havia suprimido o sobrenome "Caiado", que o integrava até então na genealogia da família Caiado.

Sua relação com a oligarquia "Caiado" possivelmente se deu em razão das várias uniões matrimoniais entre as famílias que compunham a aristocracia local ao longo da história política de Goiás, e que por questões desconhecidas Orley optou

[12] Jornal Cinco de Março de 17 de março de 1965. Acervo particular de Elder Camargo de Passos.

[13] Dalva Borges de Souza expôs em seu estudo que já em 30 de julho de 1964 houveram em Goiás seguidas atividades investigativas que buscavam encontrar pelos Sertões de Goiás focos de subversão, fator este, um importante indício do caráter repressivo da ditadura, e o quanto seus estilhaços foram fortemente sentidos em Goiás (Estado e Cidade). Segundo Dalva Souza (2009): A guarnição Federal em Goiânia realiza no dia 30 a prisão de 24 pessoas, suspeitas em inquéritos sobre o "grupo dos onze" e sobre atividades de "subversão" na Universidade Federal de Goiás. O Clima é de terror. São instalados os chamados Inquéritos Policiais Militares (IPMs) em diversos municípios goianos: Goiânia, Anápolis, Formosa, Planaltina, Goianésia, Itauçu, Itaberaí, Goiás, Palmelo, Ipameri, Goianira, Catalão, Cumari, Ceres, Porto Nacional, Araguatins, Tocantinópolis, Filadélfia, Gurupi e Xambioá. (2009, p. 108). Vale destacar que seus argumentos somados aos documentos inseridos na pesquisa nos ajudam a refutar a ultrapassada concepção de que a prática da tortura, ou mesmo a intensificação da censura tenham acontecido somente após a decretação, em 1968, do Ato Institucional número cinco (AI-5), a pesquisa tem mostrado que já em meados de 1965, na cidade de Goiânia havia um bem organizado espaço de tortura instalado "no quartel do 10º BC" (2009, p. 109).

por não adotar como sobrenome, conforme relatado por João Chaves em seu testemunho: *"Sim. Isso foi em 1965. Era um movimento muito grande. Tinha Orley Gavião, ele tinha "Caiado" mais não assinava esse nome por causa de uma briga com Dr. Brasil. O Orley era diretor do Colégio Alcide Jubé."* [14]

Em concordância às opiniões dos jornais que veicularam os fatos ocorridos, verificamos que na maioria deles havia uma concordância quanto às reais causas do conflito, muito semelhantes às da população da cidade, que acreditava tratar-se o afastamento do Sr. Orley Gavião de *"questões políticas, apesar do mesmo ser estreitamente ligado ao clero, tendo ainda, a cobertura dos padres de Goiás"* [15] e o apoio da rádio através de programações contendo informações subliminares e críticas veladas de Elina Maira durante o funcionamento do mecanismo de radiodifusão. Somado a isto, em entrevista ao jornalista Batista Custódio, o senhor Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, relatou sua versão da história, corroborando os testemunhos orais, quando disse tratar-se todo o distúrbio e desavenças entre os envolvidos de questões políticas. Nesta ocasião o referido religioso confirmou o parentesco, não assumido, entre Orley, o prefeito e o prisioneiro:

> "Quem começou a briga foi o Prefeito de Goiás, porque o Juiz Orley Gavião, seu primo, decretara a prisão preventiva de um outro primo. Brasilio Caiado ordenou ao Juiz fosse revogada aquela decretação de prisão contra o parente seu. Orley recusou firme, O Prefeito ameaçou-o de conseguir sua demissão da direção do Colégio Estadual, caso não o obedecesse. Ameaçou e cumpriu. Orley caiu. Cair ele caiu, mas revogar a prisão preventiva decretada, isso ele não revogou. Ai então, começaram as razões do Juiz Orley Gavião e terminaram os direitos daqueles que o combatem. Passou a ser uma causa. Não valem os erros de sua pessoa. E nessa luta, muito naturalmente, pois condenável seria o contrário, os estudantes assumiram a defesa do mestre e clamam pelo seu retorno à direção do Liceu. Todavia, face à espantosa inabilidade e à errada posição assumida precipitadamente pelo Secretário da Educação, coisas, aliás natas do Sr. José Luiz Bittencourt, o problema foi torpemente adquirindo falsas feições ideológicas, a fim de que fossem saciados velhos ranços políticos, cujo pivô, eram os interesses de um prefeito. Fabricou-se assim um conflito que abala e preocupa toda a população do Estado."[16]

Depois de efetivada a decisão do Secretário de Educação, o Sr. José Luiz Bittencourt, de exonerar Orley Gavião da função de diretor do Colégio Estadual de

[14] Entrevista realizada com João Chaves.
[15] Jornal Cinco de Março de 17 de maio de 1965. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.
[16] Jornal Cinco de Março de 07 de junho de 1965. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.

Goiás, determinação esta sugestiva de represálias entre os envolvidos, conforme mostrado em matéria de jornal quando o referido Secretário justificou alegando que:

> "[...] o Diretor do Colégio Estadual de Goiás não lhe dava a devida assistência e, quando precisava de tratar de assuntos com ele o fazia, através do Sr. Francisco Braga Sobrinho, Diretor dos Associados. Argumentou ainda, que o Sr. Orley Gavião não veio a Goiânia, uma vez sequer, cumprimentá-lo pela sua nomeação para aquela Secretaria, fato que interpretou como "lesa-autoridade"."[17]

Somando-se as afirmações do Secretário à posição do prefeito de Goiás, referenciadas pelo Cinco de Março como a política do "beija mão" e, que indiciou a perseguição típica dos tempos vividos, onde ocupando a chefia da repartição e "[...] não desejando a ascensão funcional de um seu desafeto, poderia acusá-lo de 'agitador' ou 'contrário à Revolução'" (FICO, 2009, p. 179), seguiram-se muitas manifestações, tanto por parte do corpo discente e docente, quanto dos pais dos alunos, em razão de a comunidade que freqüentava a instituição de ensino ter conhecimento dos bastidores de toda a crise desenrolada na cidade e, por concordar com os métodos educacionais adotados pelo referido senhor, conforme testemunhou Eudes Pacheco quando em suas recordações sobre o evento de 1965 referiu-se ao diretor nos seguintes termos: *"Então... resolvemos deflagrar essa greve... demitiram... demitiram o diretor do colégio e nos tínhamos um verdadeiro apreço por ele, por já... por ele não macumunar com esse grupo que estava já rondando a desestabilização das instituições no Estado de Goiás."* [18]

Na tentativa de forçar o retorno do diretor ao seu antigo cargo, organizou-se uma comissão de estudantes do *"Colégio Estadual de Goiás que veio apelar junto ao Secretário de Educação e ao Governador do Estado, no sentido de que não fosse 'afastado da direção daquele Educandário o Sr. Orley Gavião Gonzaga de Castro'"* [19], todavia os pedidos de revisão da pena lhes foram negados, mantendo-se desta forma, no cargo de direção, *"o Sr. Manoel Ferreira Lima, diretor do Ensino do Segundo Grau, que foi assumir a interventoria daquele estabelecimento por determinação do titular da Educação".* [20]

[17] Jornal Cinco de Março de 17 de maio de 1965. Acervo particular de Elder Camargo de Passos.
[18] Entrevista realizada com Eudes Pacheco Santana.
[19] Jornal Folha de Goiás de 11 de maio de 1965. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.
[20] Ibid.

Frustradas todas as tentativas de negociação restou aos estudantes, acompanhados por professores, pais, a Igreja Católica e a rádio manifestar sua insatisfação de formas variadas, sugerindo ai uma junção de forças imiscuídas às relações de gênero, como ilustrado pelo jornal de circulação diária, Cinco de Março, em 17 de maio de 1965:

> "Aí estão, em poucas palavras, as mesquinhas razões que originaram o afastamento do digno diretor, motivo de repulsa e pesar do corpo docente, discente e à toda população vilaboense. Promovendo passeatas e protestos contra o ocorrido, alunos e pais de alunos fizeram um abaixo-assinado contendo 1115 assinaturas reivindicando a volta do diretor. O prefeito, através de conchavos políticos com o Secretário da Educação e Cultura, conseguiu com que fosse enviado o Sr. Manuel de Lima, Diretor do Ensino do 2.º Grau e de suspeitíssima atuação naquela Secretaria, como "Interventor" do Liceu de Goiás, ocasião em que foi vaiado por mais de 2000 pessoas. Os professores por sua vez, manifestaram sua revolta recusando-se a assinar a ata de posse do referido "interventor". Enquanto se sucedem tão tristes episódios, paralisando a vida escolar desta cidade, o Secretário da Educação permanece impassível ao movimento desconhecendo sua própria pregação de desvinculamento da Educação dos interesses políticos, ameaçando até o fechamento da mais antiga casa de ensino do Estado de Goiás. Saudações estudantis. Ass. Suelena Seabra Guimarães – Jane Rocha Lima Godinho – Lafaiete Pires Naves – Elcia Velasco – Roberto de Souza – Elder Camargo de Passos – Marcia de Oliveira e Silva – Arnaldo Garcia dos Santos – Aridas Costa Ferreira."[21]

Confiantes na hipótese de serem as causas da demissão de Orley Gavião, o resultado de conchavos políticos entre Brasílio Ramos Caiado e o governo do Estado de Goiás, representado na ocasião pelo Marechal Emílio Ribas Júnior, alguns estudantes aproveitaram o cenário de revolta e formaram um grupo de "militância" [22]dando início a uma efetiva atuação manifestante de oposição ao regime militar, contrária às decisões do governo em conluio com o prefeito de Goiás e, que

[21] Jornal Folha de Goiás de 17 de maio de 1965. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.

[22] Em seus testemunhos Eudes Pacheco nos falou da mobilização estudantil em 1965, como sendo fruto da "militância política" em defesa dos direitos de
do respeito à constituição e as instituições né, a liberdade de im , todavia em seus apontamentos ele reverberou esclarecendo que, o que se chama hoje de "militância", era antes reconhecido como "ação participativa" e, que conforme representado em suas memórias tinha intensa atuação no cenário político de Goiás, em razão de Goiás incorporar uma população, principalmente os descendentes de aristocracias, muito politizada e, que se fazia presente nas decisões do
Estudantes Secundários, que tinha o caráter de entidade regional dos estudantes secundaristas ligada a UNE (união Nacional dos Estudantes) e aqui em Goiás uma seccional dessa regional da UGES (União Goiana dos Estudantes Secundários). Em Goiânia, então isso nos permitia desenvolver um processo político baseado já no

por sua vez era descendente de uma das mais antigas oligarquias que no passado dominara todo o cenário político regional[23].

A fim de compreendermos esta aproximação entre Brasílio e o Marechal Ribas Junior, faz-se necessário evidenciar que, uma vez decretada, a ditadura militar permitiu aos grupos políticos conservadores, de base agrária, distantes do cenário político brasileiro desde a "Revolução de 1930", retomar às suas antigas posições, conforme ilustrado por Souza (2009) na ocasião de suas reflexões sobre o golpe em Goiás:

> "No dia 26 de novembro de 1964 chegaram a Goiânia tropas federais para depor o Governador Mauro Borges Teixeira. Essa intervenção e a posterior indicação do marechal Ribas Junior para governar Goiás encerraram uma crise política que havia se instalado no estado desde 1962, fruto da disputa política entre um PSD dirigido de modo caudilhesco por Pedro Ludovico Teixeira e a UDN, que via sempre frustrada as suas tentativas de chegar ao poder pelo voto, impedida pela forte estrutura partidária do PSD." (2009, p. 85-6).

Sob denúncias de desestabilização e descontrole do governo, sentidas graças à oposição entre Mauro Borges e a UDN, liderada "por fazendeiros goianos que já vinham se organizando contra as ameaças à propriedade, ao mesmo tempo em que os políticos udenistas se articulavam com os militares golpistas em nível nacional". (SOUZA, 2009, p. 106), vimos Mauro Borges ser "golpeado", removido do cenário político estadual e substituído por antigas forças que nesse período assumiram importantes cargos no Estado, conforme esclareceu Ribeiro (1998):

> "Em síntese, a UDN, partido conservador de base rural, foi o endereço certo da intervenção da família Caiado, entre 1945 e 1964. Foi o espaço em que se arregimentaram as antigas áreas de influência das gerações anteriores e se consolidou a participação da nova geração, que se ampliará significativamente após o golpe militar de 1964. Ao se referirem ao período anterior (1930/1945), os Caiado utilizam a qualificação de "ditadura". Porém, não mantém a expressão para o período 1964/1982 qualificado de "Revolução", demonstrando sua total afinidade política com o regime militar." (1998, p. 193).

[23] Cf. RIBEIRO, Mirian Bianca Amaral. Memória, Família e Poder: História de uma Permanência Política – Os Caiados em Goiás. In: Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias/Nasr Fayad Chaul, coordenador. – Goiânia: Ed. Kelps, 1998.

Como elucidado por Dalva Borges Souza (2009) e Miriam Ribeiro (1998) a ditadura significou para a família Caiado uma "revolução" e a retomada de funções políticas no Estado, fato este alvo de duras críticas da população goiana, principalmente na antiga Goiás após as desavenças entre Orley e Brasílio. Dentre tantas manifestações podemos notar nos testemunhos de Eudes Pacheco e Marcos Rocha Lima a evocação de momentos entendidos por eles como os grandes causadores do enrijecimento da ditadura em Goiás e, desencadeadores da prisão de Frei Jacinto, Elina Maria, Orley Gavião e todo o grupo de jovens envolvidos nas manifestações.

Durante entrevista Eudes Pacheco nos deu maiores detalhes acerca do envolvimento da Igreja nas manifestações estudantis, onde em dia de celebração na já não muito pacata cidade de Goiás, Frei Jacinto Maria Ferreira Rosa criticou o controle histórico da oligarquia Caiado na cidade, e que o depoente entendeu como um forte desencadeador da intervenção policial na cidade, sendo desta forma uma das possíveis causas das prisões, conforme apresentado na matéria do jornal *"Estado de São Paulo"* que, em 08 de junho de 1965, quando trouxe ao seu público leitor uma matéria intitulada: *"Goiás: prisões se justificam"*, na qual defendeu em companhia dos partidários da UDN que compunham a Câmara dos Deputados a atuação policial na pacata cidade do interior de Goiás. Para o Sr. Lisboa Machado (UDN) *"a ação das autoridades do seu Estado, bem como do DFSP, não foi arbitrária"* [24] por se tratar de um movimento hostil, marcado pela presença de "estudantes profissionais" que vinham de outros centros do Estado e que combinada à atuação da *"emissora radiofônica '13 de Maio', de Goiás, insuflava o povo contra o novo diretor 'em artigos contrários ao governo e ao secretario da Educação'"* [25]. Vejamos os fragmentos das lembranças de Eudes:

> "Não, não, não... não existia isto. O Frei Jacinto ele não tinha ideologia marxista ou comunista ele não tinha, ele apenas não aceitava que a cidade e a juventude ficasse submetida ao constrangimento da falsa moral das oligarquias que dominaram e sempre estão influenciando no destino da cultura de Goiás essas oligarquias até hoje se fazem representar por algumas pessoas que ainda detém o monopólio da saúde da educação da arte dentro de Goiás. Sem citar nomes é fácil as pessoas identificarem eles

[24] Jornal Estado de São Paulo de 08 de junho de 1965. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.
[25] Entrevista realizada com Eudes Pacheco Santana.

> manipulam a saúde então Frei Jacinto era dessa linhagem e fazia pregações na Igreja é... houve uma pregação que ele disse uma frase que talvez tenha motivado mais a prisão dele além de nos dar apoio é... transparente e objetivo o que ele disse no sermão dele que Goiás estava se transformando num sepulcro Caiado. Caiado de cal de cair e Caiado da família dessa oligarquia odiosa e que ainda permanece influindo no destino da cidade é isso."[26]

Ainda ao relatar-nos aquilo em que acreditava terem sido os grandes eixos provocadores das prisões, inclusive a de Elina Maria da Silva, diretora da Rádio 13 de Maio, Eudes relatou-nos importantes indícios para entendermos as relações entre a Igreja e o contexto político em Goiás considerando no interior do debate o importante papel desta senhora nas manifestações, já que o conteúdo disseminado pela rádio, de propriedade dos dominicanos, era previamente autorizado pela sua gerencia. Ao nos evocar suas lembranças acerca do "longo" ano de 1965, Eudes confidenciou as seguintes memórias:

> "Então naquele dia em que deflagramos a greve e que fechamos o Colégio Sant'Anna e que fechamos o Liceu de Goiás em razão daquela liderança que eu ainda mantinha o pessoal tava meio inflamado agente já havia pichado as ruas, inclusive a igreja da Matriz, já tinha pichado e escrito la uma frase de efeito chamando a atenção da população. Então eu subi naquele... naquela ponta que tem do [...] naquela ponta do prédio né, naquele [...] naquele [...] naquela protuberância do prédio e fiz um discurso conclamando os estudantes a manter a greve a qualquer preço e falei que a distância que existia no governo brasileiro e o povo do Brasil era a mira de um fuzil isso deflagrou uma [...] foi a gota d'água, porque até então eles não tinham dado tanta importância pro nosso movimento foi a gota d'água para que [...] que tudo viesse a se transformar numa caça as bruxas não é! Também porque nós tínhamos o apoio da Rádio 13 de Maio que nos abria alguns espaços, alguns flashs dentro de programas pra gente [...] escrever crônicas entre aspas de [...] incitando para a reforma agrária né, incitando para a participação do trabalhador no lucro da empresa, coisas que naquela época era [...] era um dos pecados capitais que existia para [...] pro sistema oligárquico que reinava[27]."

Enquanto Eudes eternizou em suas lembranças, os discursos proferidos na época de sua liderança dos movimentos oposicionistas, Marcos Rocha Lima deixou registrado em suas memórias as manifestações de rua, em especial uma, em cuja qual, os manifestantes decretaram de forma simbólica a "morte política" de Brasílio Ramos Caiado, quando em procissão pelas ruas de Goiás foi carregado um caixão,

[26] Ibid.
[27] Ibid.

adornado com pano preto e representando ironicamente o luto popular pela morte política do prefeito em função de tudo o que vinha acontecendo na cidade e que por se tratar de uma disputa particular, sua gestão fazia "vistas largas" para os exageros da polícia:

> "Nós fizemos um enterro simbólico de dr. Brasílio com caixão, bandeira de preto em cima, ai foi a gota d'agua pro político na época aí ele mandô... Trouxe o Secretário de Segurança que era aquele na época devia ser subordinado deles, eles mando pra cá a polícia, a polícia começô a acompanhar, entrô como se fosse estudante também, queria ver gente de fora e o trem foi bem complicado, foi muitos dias até que decretô a prisão de todo mundo."

Depois de as manifestações tomarem maior espaço no cenário "tranqüilo" da cidade de Goiás, vieram de Goiânia, vários policiais do 10º D.P., a fim de espiar e vigiar as manifestações, na expectativa de encontrar focos de subversão e a presença do comunismo na cidade. Como os estilhaços da Guerra Fria se faziam sentir no mundo (Cf. HOBSBAWN, 1995) e no Brasil, graças às suas fortes relações com os Estados Unidos, a "produção da crença" [28] do comunismo, representada e reforçada pelo macartismo norte americano (Cf. HOBSBAWN, 1995), fez com que no Brasil e em Goiás esta perseguição contra "comunistas" e subversores da ordem se tornasse uma atividade comum ao estado, esclarecendo serem Goiás, a rádio, a escola e as manifestações populares, ambientes que jamais passariam despercebidas das organizações de inteligência do governo - o SNI/Serviço Nacional de Informações - (Cf. FICO, 2009), resultando desta forma nas prisões, torturas e no fechamento da Rádio "13 de Maio" em 1965[29] e 1974[30].

Neste cenário, Elina Maria da Silva, embora mantivesse a postura de mulher burguesa e comedida (Cf. D'INCAO, 2011), muito católica (Cf. GIORGIO, 1991), mas ao mesmo tempo muito politizada (Cf. PRADO e FRANCO, 2012), acabou sendo confundida como comunista por conta de, no desempenho de suas funções de radialista discordar daquilo que vinha acontecendo na cidade de Goiás, abrindo na programação da rádio, espaço para que os jovens "militantes" da causa em prol do

[28]Cf. BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.* Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

[29] Em função da Invasão da Cúria Diocesana e das prisões a rádio foi fechada temporariamente em 1965, retomando suas atividades de radiodifusão após a libertação de Elina Maria da Silva.

[30] Em 1974 a rádio foi novamente fechada pela censura, conforme documento encontrado no acervo da Diocese de Goiás ela foi considerada "perempta" vindo a retomar seu funcionamento somente em 2009.

retorno de Orley ao seu antigo cargo, proferissem criticas às decisões do governo do Estado e ao caráter duvidoso da exoneração do referido diretor. Somado a isto, Elina Maria, juntou-se aos jovens estudantes para criticar os reflexos da ditadura militar em Goiás, insuflando a população contra os poderes regionais e federais, principalmente quando promoviam na programação diária da rádio debates sobre a necessidade da reforma agrária, adicionada da ampliação dos direitos trabalhistas no interior das empresas. A partir de então, como o cotidiano de Goiás já vinha há dias sendo alvo da espionagem política, vieram para a cidade vários policiais do Serviço Nacional de Informações (SNI), que instalaram no Colégio Estadual Comissão de Inquérito Administrativo a fim de averiguar os possíveis focos de subversão na cidade.

Em pesquisa no acervo de Elder Camargo de Passos identificamos no dossiê produzido por sua mãe Altair Camargo na ocasião de sua prisão, documento convocando-o a comparecer junto à Comissão de Inquérito para prestar esclarecimentos sobre sua participação nas manifestações:

> "Estado de Goiás. Secretaria da Educação e Cultura. Of. N. 27/65 – Comissão de Inquérito Administrativo. Goiás, 31 de maio de 1965. Ilmo. Sr. Elder Camargo de Passos Nesta cidade. Convidamos V.S. a comparecer, hoje, às 17 horas, perante a Comissão de Inquérito Administrativo que se encontra instalada na sala da Biblioteca do Colégio Estadual de Goiás (Liceu), para prestar o seu depoimento. Confiante no seu comparecimento, subscrevemo-nos com real consideração. José Gonçalves da Cunha." Presidente[31]

Conseqüentemente à sua convocação seguiram-se a de outros estudantes que por ventura haviam tido qualquer relacionamento com os eventos "subversivos" de maio de 1965. Os inquéritos acabaram resultando nas prisões dos envolvidos nos manifestos, incluindo-se no grupo a Sr.ªElina Maria da Silva, presa durante invasão da Cúria Diocesana por policiais, numa *"tentativa de prender 'subversivos' "*[32]. Vale destacar que mesmo tendo sido aprisionada junto de outras duas jovens adolescentes denominadas, Suelena Seabra e Márcia de Oliveira e Silva, Elina Maria foi a única mulher encaminhada para o 10 D. P. em Goiânia e em seguida

[31] Acervo particular de Elder Camargo de Passos.
[32] Fragmento extraído do jornal O Social de 07 de junho de 1965. Acervo particular de Elder Camargo de Passos

transferida junto com Frei Jacinto e Orley Gavião para o DOPS em Brasília onde sofreu torturas físicas e psicológicas.

Embora as referências sobre Elina Maria e Altair Camargo de Passos presentes nos documentos jornalísticos e nas análises aqui realizadas pareçam superficiais, e em muitos momentos ausentes, objetivamos nesse ensaio preliminar a realização de uma possível reflexão acerca das relações de gênero em um período marcado pela ditadura civil e militar, em uma cidade do interior de Goiás. As expectativas da pesquisa se desdobram em outros horizontes, cujos quais não foi possível apresentar em função do pouco espaço, mas que, em linhas gerais tentam esclarecer as relações de gênero presentes nos movimentos de oposição ao governo do Estado em 1965, os esquecimentos, silêncios e o vazio da história de Goiás após a transferência da capital para Goiânia.

Referências Bibliográficas

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: *Nova história das mulheres.* Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs.). – São Paulo: Contexto, 2012.

BORGES, Nilson. A doutrina de segurança nacional e os governos militares. In: O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX/Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Tradução Maria Helena Kühner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Tradução Fernando Tomaz. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Tradução de Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CUNHA, Luiz Antônio e GOÉS, Moacyr de. O golpe na educação. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: *História das mulheres no Brasil.* Mary Del Priore (Org.). – São Paulo: Contexto, 2011.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. *In: O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*/Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá Mota (org.).-Bauru, SP: Edusc, 2004.

FRANCO, Stella Scatena. e PRADO, Maria Ligia. Participação feminina no debate público brasileiro. In: *Nova história das mulheres.* Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs.). – São Paulo: Contexto, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer.* – São Paulo. Ed. 34, 2006.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. *In: História das mulheres no Ocidente. Vol. 04: O século XIX.* Michelle Perrot e Georges Duby. (Orgs.). Porto: Edições Afrontamentos, 1991.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.* –Bauru, SP: Edusc, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: *História das mulheres no Brasil.* Mary Del Priore (Org.). – São Paulo: Contexto, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Os sentimentos de feminismo. *In: História e sensibilidade.* Marina Haizenreder Ertzigue, Temis Gomes Parente (Orgs.). Brasília: Paralelo 15, 2006.
PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Tradução de Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005.
PERROT, Michelle. e DUBY, Georges. (Orgs.). História das mulheres no Ocidente. Vol. 04: O século XIX. Porto: Edições Afrontamentos, 1991.
PERROT, Michelle. e DUBY, Georges. (Orgs.). História das mulheres no Ocidente. Vol. 05: O século XX. Porto: Edições Afrontamentos, 1991.
PINSKY, Carla Bassanezi. e PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres.* – São Paulo: Contexto, 2012.
RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: *História das mulheres no Brasil.* Mary Del Priore (Org.). – São Paulo: Contexto, 2011.
RIBEIRO, Mirian Bianca Amaral. Memória, Família e Poder: História de uma Permanência Política – Os Caiados em Goiás. *In: Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias/* Nasr Fayad Chaul, coordenador. – Goiânia: Ed. Kelps, 1998.
RIBEIRO, Paulo Rodrigues. Sombras no silêncio da noite: imagens da mulher goiana no século XIX. *In: Goiás: identidade, paisagem e tradição*/Nasr Fayad Chaul; Paulo Rodrigues Ribeiro (Orgs.). – Goiânia: Ed. da UCG, 2001.
SALLES, Antônio Pinheiro. A ditadura militar em Goiás: depoimentos para a história. – Goiânia: Poligráfica Off-set e Digital, 2008.
SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva;* tradução de Rosa freire d"Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
SCOTT, Joan Wallach. *Género e historia.* Tradução de Consol Vilá I. Boadas. – México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.
SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de gênero e História em José de Alencar. - Bauru, SP: Edusc, 2012.
SOUZA, Dalva Borges. O golpe em Goiás. *In: Goiás: sociedade e Estado/*Org. Dalva Borges Souza. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.
TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. *In: O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*/Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá Mota (org.).-Bauru, SP: Edusc, 2004.